

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO

Miguel Angelo Ribeiro*

Rogério Botelho de Mattos**

“Não há como não observar este ir e vir, do micro ao macro, dos territórios mais íntimos e sutis a um desejo de comunicação plena”... (d’après Grupo Corpo, Sete ou oito peças para um ballet, 1994).

Considerações Iniciais:

A Área Central do Rio de Janeiro individualiza-se no conjunto do espaço urbano, pela concentração de atividades comerciais, de serviços, das gestões pública e privada e pelos terminais de transportes intra-urbanos e inter-regionais. O núcleo central da cidade, também identificado como Distrito Central de Negócios (CBD), em função de sua acessibilidade e da presença de construções imponentes — nas quais se encontram os escritórios da gestão e comando de empresas dos setores público, comercial e financeiro da cidade, de sua hinterlândia e de todo o país —, é o local que detém um enorme afluxo de pessoas durante o dia.

Enquanto o núcleo central se destaca pelo seu dinamismo, pelo volume das transações e negócios ligados aos setores comerciais, de serviços e de gestão, o mesmo não pode ser dito da zona periférica do centro, localizada em seu entorno e identificada como a área de obsolescência ou zona degradada. A maior parte de sua paisagem é marcada por terminais de transportes, depósitos diversos, pensões, unidades fabris e lugares de diversão e construções do início do século, entre estas, diversas delas servindo de moradia para numerosas famílias de baixa renda e homens solteiros.

No núcleo central e zona periférica do centro, de segunda a sexta-feira ☹ mas persistindo com alguma relevância no sábado ☹, durante o horário diurno, ocorrem os maiores fluxos de veículos e pessoas que trabalham nas atividades comerciais, de serviços e de gestão, bem como as que consomem esses produtos e serviços, criando ambiente para o desenvolvimento da prostituição. À noite e de madrugada e, principalmente, nos finais de semana e feriados, esses ambientes dinâmicos se transformam e se fragmentam em diversas territorialidades de excluídos pela sociedade, surgindo, assim, diferentes territórios, tais como dos catadores de papel, dos sem-teto, dos menores de rua, dos guardadores de carro (os “flanelinhas”), entre outros,

* Pesquisador Titular - Departamento de Geografia/IBGE e Doutorando em Geografia/UFRJ - Rio de Janeiro - Brasil

** Geógrafo - Departamento de Geografia/IBGE. Rio de Janeiro - Brasil

superpostos muitas vezes com o da prostituição, constituindo verdadeiros “territórios do medo”, em decorrência da violência praticada pelos diferentes grupos atuantes nesses territórios, bem como da atuação da polícia, que exerce ora papel repressor, ora de extorsão, no caso dos prostitutas(as).

Desse modo, a Área Central do Rio de Janeiro caracteriza-se pela coexistência de múltiplos usos, tornando-a uma representante-síntese da própria Cidade. Nesta porção do espaço urbano carioca forma-se um verdadeiro caleidoscópio, onde diferentes territórios coexistem, em um processo de contração e expansão. Em outras palavras, a Área Central, lugar de coexistência e mudanças no dia-a-dia, é o palco onde se realizam profundas relações de seus variados conteúdos sócio-espaciais e, portanto, propícia ao desenvolvimento, até mesmo, de atividades ligadas à prostituição. O fenômeno repete-se em outros bairros do Rio de Janeiro, formando outras territorialidades, como no caso das imediações da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, algumas estações do subúrbio, como Madureira, e na Zona Oeste, como Campo Grande, e principalmente na orla de Copacabana.

De modo geral, a prostituição nos espaços públicos do Rio de Janeiro se difundiu em função do próprio crescimento da cidade, pois essa atividade aparece em subcentros densamente povoados como Madureira, Campo Grande e Copacabana. Neste último, a prostituição está associada ao turismo que tem importante papel nesse bairro carioca. Em se tratando da Área Central do Rio de Janeiro, os espaços públicos ocupados pela prostituição estão diretamente associados a clientela local e, como já mencionados anteriormente, são propícios a essa atividade.

Outros fatos podem explicar o fenômeno da prostituição: o uso generalizado do automóvel, que facilitou as relações entre os clientes e os “mercadores do sexo”, e os problemas de ordem social, ligados ao fenômeno do desemprego e achatamento dos salários, principalmente a partir dos anos 80, que contribuíram para que uma massa de desempregados ficasse alijada do mercado de trabalho, sobretudo os jovens, fazendo com que muitos procurassem uma atividade alternativa, tal como a prostituição masculina, que se difundiu e criou territórios pelos espaços públicos da cidade. Por outro lado, a atividade em tela, em alguns casos, serve para a complementação do salário, geralmente baixo.

Convém lembrar que o advento da AIDS a partir dos anos 80, exerceu certa influência no decréscimo do número de clientes das diversas áreas de prostituição. Houve uma mudança no comportamento sexual dos clientes e prostitutas(as), com o advento do uso do preservativo, como também surgiram alguns grupos com projetos de prevenção e apoio a essas populações, tais como o Núcleo de Orientação e Saúde Social (NOSS) e o Instituto de Estudos da Religião (ISER). O primeiro desenvolve os projetos “Purpurina” com travestis e “Pegação” com os “michês”, enquanto o ISER com o Programa Integrado de Marginalidade (PIM) atua, dentre os diversos projetos, com o de Saúde na Prostituição, direcionado as prostitutas e travestis.

1. Os Diferentes Significados da Territorialidade. O Exemplo da Prostituição.

Esse trabalho, de caráter exploratório no âmbito da geografia brasileira, aborda um aspecto da realidade anteriormente trabalhado por antropólogos, sociólogos e historiadores. O estudo tem por questão central delimitar e analisar os espaços de atuação da prostituição em seus diversos segmentos, a saber: prostitutas, “michês” (rapazes de programa)(1) e travestis, marcados por limites de suas territorialidades.

Para que esse mundo do jogo, do risco permanente e da supressão incessante possa existir, há uma necessidade de um ambiente propício para o exercício de sua atividade. Essa ambiência é demarcada por limites de uma territorialidade definida como uma tentativa individual ou de grupo, *"de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, delimitando e assegurando o controle sobre uma área geográfica"* (Sack, 1986:19). Assim, no caso da prostituição, uma rua, um conjunto de ruas ou um lugar pode ser um território, durante um certo período de tempo. Isso acontece porque o indivíduo, ou um determinado grupo de pessoas, ao se apoderar de um local, formaliza um território. Mas para que este território possa existir como tal é necessário um esforço constante para sua instalação e manutenção.

O território pode ser também apropriado pelo grupo que exerce o seu controle para conter o acesso de indivíduos a um determinado local. Ou seja, a territorialidade *"é uma estratégia de estabelecer diferentes graus de acesso a pessoas, coisas e relações"* (Sack, op. cit:20).

A demarcação das fronteiras invisíveis nos espaços públicos acontece de forma simbólica, combinando uma direção no espaço e a legitimação de sua posse. A apropriação de alguns logradouros na Área Central carioca pelos "mercadores do sexo" existe em função de suas particularidades, surgindo, assim, determinados territórios para as prostitutas, "michês" e travestis. Cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão de outros tipos de "mercadores do sexo" e de outros atores sociais. Nessas áreas, a dimensão espacial e o controle territorial são peças chaves para se obter poder. A prática da prostituição é, na realidade, uma relação de poder, porque as pessoas que ganham a vida prostituindo-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade.

Nesse caso, o espaço se torna um território desde que seja tomado por uma relação social de comunicação, onde seus atores (prostitutas, "michês" ou travestis, bem como eventuais clientes) se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo. Isso porque a territorialidade reflete *"a multidimensionalidade do 'vivido' territorial pelos membros de uma coletividade"*. (Raffestin, 1993:158).

Desta maneira, e aproveitando livremente as palavras de Foucault (citado por Soja, op. cit:183), a segregação entre grupos de prostituição é um produto da *"instrumentalidade do espaço-poder-saber e formam a base para espacializar e temporalizar o funcionamento do poder"*. Raffestin (1993:159) acrescenta ainda que a territorialidade pode ser definida então, como *"um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem"*. Na verdade, a função da territorialidade é *"segregar e compartimentalizar a interação humana, controlando a presença/ausência e a inclusão/exclusão"* de determinados grupos (Soja, 1993:183).

O território também pode ser visto como uma apropriação simbólica, identitária e afetiva, diferente daquela perspectiva já abordada anteriormente em Sack, Soja e Raffestin, onde as relações de poder se realizam através de um domínio ou controle politicamente estruturado de um espaço.

A apropriação simbólica e afetiva do espaço foi desenvolvida consistentemente por Tuan (1980:5) onde o lugar é muitas vezes utilizado como sinônimo de território, através da “topofilia” que significa o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. O lugar para Tuan tem o significado de uma localização de lealdade apaixonada, de definição e significado.

Enfim, conceitua-se os Territórios da Prostituição **(2)** como a apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, “michês” e travestis, que através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade, estruturada, outrossim, através da violência explícita, principalmente entre as prostitutas e os travestis que utilizam, entre outros, objetos cortantes para defender seus “pontos” contra aqueles que tentam invadi-los. No caso dos “michês”, atos simbólicos, como o gestual de sua virilidade, o órgão genital seguro nas mãos, entre outros, constituem-se nos códigos utilizados para atrair a clientela, em seus próprios territórios.

Cumprе ressaltar que as práticas de apropriação desses espaços públicos como territórios da prostituição se dão de modo diferenciado. No caso das prostitutas, a legitimidade e controle de seus territórios é mais rígida, não sendo possível, uma prostituta desconhecida no local ocupar o “ponto” de um determinado espaço público durante um certo período de tempo, pois as prostitutas que já vivenciam aquele lugar farão a sua defesa pela coerção ou através de atos de violência contra aquelas que tentam invadí-lo. A defesa neste caso está pautada nas relações de poder, através do domínio ou controle estruturado do espaço. O mesmo é verificado nos espaços públicos onde a territorialidade dos travestis é demarcada não só pela adoção de códigos de fala, expressões e gestos, mas, principalmente pela violência explícita, proveniente sobretudo de agressões verbais e até mesmo física. No caso dos “michês”, a apropriação de seus territórios é mais simbólica e afetiva, pois não há uma rigidez no seu controle. Desde o momento que determinado indivíduo se apropria daquele espaço, a adoção de determinados códigos e atos simbólicos terão que ser utilizados para que ele possa se identificar com os seus pares e estabelecer uma rede de relações, até mesmo com a própria polícia que muitas vezes impõe uma certa “ordem” representada, em alguns casos, ora pela repressão, ora pela extorsão e achaque. Além disso, a relação da polícia com esses grupos constitui-se também numa das formas de manutenção e controle desses territórios.

Cabe mencionar que os territórios da prostituição apresentam um processo de expansão e contração. Tais territórios têm a propriedade de ser “elásticos”, pois ora se expandem, ora se contraem, ocupando uma determinada porção de um espaço público. Na verdade, os territórios da prostituição são “flutuantes”, “móveis” e “cíclicos” ☹ “os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças” (Souza, 1995:88). O caráter cíclico deste tipo de territorialização apresenta uma alternância habitual dos usos (conteúdos) diurno e/ou noturno dos mesmos espaços.

2. Os Territórios da Prostituição: Uma Análise

A Área Central do Rio de Janeiro tem sofrido, ao longo deste século, sucessivas reformas urbanas e transformações que modificaram sobremaneira os antigos territórios da prostituição. Alguns se retraíram; outros desapareceram por completo. Na realidade, muito embora esses territórios estejam disseminados por toda a Cidade do Rio de Janeiro, os espaços públicos (territórios) selecionados (3) para investigação e marcados por diferentes conteúdos e significados, além da prostituição são os seguintes:

1. O entroncamento metrô-rodô-ferroviário da "Central do Brasil" e imediações;
2. A área de passagem e ponto final de linhas de ônibus da Praça Tiradentes e início da Avenida Passos;
3. A área de lazer, de passagem, arena política e centro financeiro e cultural formado pelo Passeio Público e "Cinelândia";
4. A área residencial, de passagem e de casas de espetáculo da Lapa, que nas últimas décadas tem assistido a uma reurbanização constante, e partes das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca;
5. A área de passagem da Praça Paris e Avenida Augusto Severo;
6. A área de passagem e entroncamento hidro-rodoviário do "Castelo" e "Via Ápia"; e
7. A zona portuária da Praça Mauá.

Os territórios da prostituição estão situados muitas vezes em espaços que, de modo geral, apresentam as seguintes características comuns:

- a) têm por localização a zona periférica ou de obsolescência da Área Central, localizada no entorno do núcleo central.
- b) também são marcados por terminais de transporte rodoviário, ferroviário e/ou hidroviário, com intenso fluxo de pessoas.
- c) possuem expressivas atividades de lazer representadas por cinemas, teatros, bares, restaurantes, boates e praças. Conseqüentemente, concentra a boemia.
- d) são dotados de outras atividades terciárias, tais como instituições financeiras, órgãos culturais, de comércio e de serviços públicos, além de ambulantes.
- e) freqüentemente registram um significativo número de hotéis de alta rotatividade que dão suporte à atividade da prostituição.
- f) possuem moradias ocupadas por numerosas famílias de baixa renda e pensões para homens solteiros.

Os conteúdos descritos acima apresentam uma alternância habitual dos usos diurno e/ou noturno dos mesmos espaços, conforme indicado no Quadro (Figura 1).

À Guisa de Conclusão:

A Área Central é considerada como o local do intercâmbio econômico, assim como espaço da vida simbólica e do lazer, estruturada na superposição de diferentes conteúdos, como os de moradia, comércio e serviços, inclusive os de representação e financeiros, e também de prostituição.

A prostituição nos espaços públicos da Área Central do Rio de Janeiro se estabelece, na maioria das vezes, em territórios, onde se identificam singularidades e especificidades que os legitimam dentro de seu contexto. Tais territórios possuem diferentes escalas, conteúdos e significados, representados ora pela efervescência e agitação dos transeuntes, como no Passeio Público, "Cinelândia" e o da "Central do Brasil", ora como espécie de refúgio ou esconderijo, como no "Castelo" e "Via Ápia".

Para uma grande parte da sociedade, essas áreas estão associadas a verdadeiros "territórios do medo" e da segregação, onde a rua torna-se um local dos mais hostis, acontecendo diariamente, brigas, assaltos e assassinatos ☹ enfim, a violência nos seus mais diversos matizes.

Os territórios da prostituição acompanham a dinâmica da própria Cidade na qual estão inseridos, e uma vez estabelecidos podem se sedimentar durante algum tempo, tendendo à expansão caso aumente a procura do comércio do sexo, ou seja, a ampliação da geografia do sexo. Da mesma forma, podem se fragmentar em decorrência de invasões de outros grupos sobre a área, ou mesmo da intervenção dos poderes instituídos, como a polícia, os políticos e o poder municipal, e mesmo do poder "marginal", levando em alguns casos, à sua extinção em uma área e/ou o seu reaparecimento em outra.

Bibliografia

- A NOTÍCIA (10/8/93). “Travecos sim, mas machos também” In. A Notícia. Rio de Janeiro. Show e Esportes. p.5.
- BARSETTI, Sílvio (7/4/1994). “Gays - o roteiro oficial”. In: O Dia. Rio de Janeiro.p.1.
- CORRÊA, Roberto Lobato (1989). O espaço urbano. São Paulo: Ática. (Série Princípios n. 174).
- _____ (1993). “Meio ambiente e metrópole”. In: Olindina Vianna Mesquita & Solange Tietzmann da Silva (coord.). Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Geografia. p.25-30.
- MATTOS, Rogério B. de & RIBEIRO, Miguel Angelo C. (1994). Territórios da prostituição nos espaços públicos da Área Central do Rio de Janeiro. (Mimeo.).
- MENEZES, Lená Medeiros (1992). Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio. (1890-1930). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- O DIA (30/1/94). “Roteiro ‘gay’ cruza a cidade”. In. O Dia. Rio de Janeiro. Polícia. p.16.
- PECHMAN, Robert Moses (1991). “A invenção do urbano: a constituição da ordem na cidade”. In: Rosélia Piquet e Ana Clara Torres Ribeiro (orgs). Brasil: território da desigualdade. Descaminhos da modernização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.121-33
- PEREIRA, Raimundo Rodrigues (16/3/1994). “Em busca da infância perdida”. In: Revista Veja. São Paulo: Abril Cultural. Ano 27. n.11. p.66-75.
- PERLONGHER, Néstor O. (1987). O negócio do michê - A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense.
- RAFFESTIN, Claude (1993). Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática.
- SACK, Robert David (1986). Human territoriality - Its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANTOS, Milton (1992). Espaço e método. São Paulo: Nobel.
- SILVA, Hélio R. S. (1993). Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER.
- SOARES, Luiz Carlos (1992). Rameiras, ilhoas, polacas... - A prostituição no Rio de Janeiro do Século XIX. São Paulo: Ática.

SOJA, Edward W (1993). Geografias pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução da 2 ed. inglesa Vera Ribeiro; revisão técnica de Bertha Becker, Lia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SOUZA, Marcelo José Lopes de (1995). “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: Iná Elias de Castro; Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa (orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p.77-116.

TUAN, Yi-Fu (1980). Topofilia. São Paulo: Difel.

FIGURA 1 - ÁREA CENTRAL DO RIO DE JANEIRO: TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

ESPAÇOS PÚBLICOS	CONTEÚDOS PREDOMINANTES					TIPOS DE PROSTITUIÇÃO PREDOMINANTE		
	ATIVIDADES TERCIÁRIAS				Residen- cial	Feminina	Masculina	Travesti
	Lazer (1)	Hotéis de Alta Rota- tividade	Outras Atividades (2)	Terminal de Trans- portes (3)				
"Central do Brasil" e imediações	*○	☞	*○	☞	☞	*○	*○	⌚
Praça Tiradentes e Av. Passos	*○	☞	*	☞	⌚	*○	⌚	⌚
Passeio Público e "Cine-lândia"	*○	☞	*	☞	⌚	*○	*○	⌚
Lapa e trechos das Ruas do Rio-chuelo, Mem de Sá e Frei Caneca	*○	☞	*	⌚	☞	○	⌚	○
Praça Paris, Av. Augusto Severo e imediações	*○	☞	*	⌚	☞	⌚	⌚	○
"Castelo" e "Via Ápia"	*	⌚	*○	☞	☞	⌚	○	⌚
Praça Mauá	*○	☞	*	☞	☞	*○	⌚	⌚

NOTAS: (1) Cinemas, teatros, bares, restaurantes, boates, ambulantes, praças e áreas verdes;

(2) Instituições financeiras, órgãos culturais, de comércio, de serviços públicos e outros (inclusive ambulante);

(3) Terminais rodoviário, ferroviário e/ou hidroviário.

LEGENDA: -Dia; m Noite; ☞ Existência; ⌚ Ausência

Fonte: Pesquisa de Campo — Organizado e elaborado por Mattos e Ribeiro, 1994.

Notas

1 - A título de exemplificação e extensão do fenômeno, pode-se dizer, com base em matéria publicada na Revista Veja (n. 11. de 16/3/94), que “o Rio é o recordista em michês e o campeão de um pornoturismo particular, o homossexual” (p.71) e que “o Rio tem de 1.000 michês, na baixa estação de turismo, a 4.000, nos meses de novembro a março, Carnaval e alto verão, quando correm para a cidade michês de todo o Brasil e até da América Latina” (p.72). A reportagem, genérica e preconceituosamente, afirma que os “michês” são, em sua maioria, “pobres e fedorentos”.

Atualmente, o termo “michê” possui dois sentidos. Um, diz respeito a quem se prostitui, sendo geralmente jovens que não abdicam “dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (Perlongher, 1987:17). O outro, refere-se ao cliente, que utiliza como gíria “fiz um michê”, para expressar a consumação do ato sexual da prostituição.

2 - A prostituição não se restringe apenas aos espaços públicos. Embora não seja objeto deste estudo, à guisa de explicação, convém frisar que este fenômeno desenvolve-se, também, em recintos que funcionam como verdadeiros prostíbulo modernizados, onde é possível encomendar uma pessoa-mercadoria, tanto pessoalmente, como através do telefone, caso verificado nas saunas, “casas” de massagem e agências especializadas nesse tipo de serviço. Este tipo de prostituição, considerada para os autores desse trabalho como “fechada”, apresenta características diferentes daquela verificada nos espaços públicos ☺ a prostituição de rua. Dentre as várias características, pode-se mencionar: o tipo de prostituta(o) no tocante aos atributos físicos e ao nível social; o preço e a forma de pagamento, que muitas vezes se realiza através do sistema de cartão de crédito.

O segmento da prostituição de rua corresponde ao “rebotalho”, ou seja, o que “sobrou” dessa prostituição, principalmente no caso das prostitutas. Os próprios michês e travestis apresentam condições sociais e atributos físicos muitas vezes inferiores àqueles que trabalham nos “prostíbulos fechados”.

3 - Os espaços públicos selecionados foram identificados através de pesquisa de campo, com vistas à elucidação de seus diferentes territórios. À guisa de exemplificação, a pesquisa de campo foi realizada em diferentes dias da semana (tanto os dias quanto as semanas foram escolhidos aleatoriamente), num período aproximado de um mês. Consta em percorrer de carro, principalmente à noite (maior ocorrência da prostituição), os espaços públicos previamente selecionados. Geralmente percorria-se de três a quatro vezes por noite os sete espaços selecionados.